



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**EVYLLAINE MATIAS VELOSO FERREIRA**

**A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO**  
**DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

**ITABAIANA-PB**

**2014**

**EVYLLAINE MATIAS VELOSO FERREIRA**

**A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Profa. Ms. Simone Joaquim Cavalcante

**ITABAIANA-PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F3831 Ferreira, Eyllaine Matias Veloso  
A Literatura de Cordel como Recurso Didático no Ensino de Geografia [manuscrito] / Eyllaine Matias Veloso Ferreira. - 2015. 39 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante, PROEAD".

1. Ensino de Geografia. 2. Literatura de cordel. 3. Recurso didático. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

**EVYLLAINE MATIAS VELOSO FERREIRA**

**A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE  
GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 06 / 12 / 2014



Prof. Ms. Simone Joaquim Cavalcante – Orientadora/UEPB



Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – Examinador/UEPB



Prof. Ms. Stella Márcia de Moraes Santiago – Examinadora/UFCG

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus queridos pais, Reginaldo Veloso Ferreira e Maria Matias Veloso Ferreira, por todo amor e dedicação. As minhas irmãs, Eylla Matias Veloso Ferreira e Eyllâne Matias Veloso Ferreira, por todo incentivo e auxílio. E ao meu esposo, Manoel Gonçalves dos Santos Júnior, por todo carinho e cumplicidade. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Senhor soberano em minha vida, DEUS, por minha existência, por toda proteção e sabedoria.

À minha família que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e me incentivando nesta caminhada.

À minha orientadora Profa. Ms. Simone Joaquim Cavalcante pelo acolhimento, orientação e confiança ao meu trabalho.

À banca que se faz presente nesse momento de contribuição para conclusão final no nosso trabalho.

Aos meus amigos do curso, por partilhar de momentos de muitos conhecimentos.

À parceria entre a UEPB e o Governo Estadual da Paraíba, por proporcionar esta brilhante oportunidade aos professores (as), em favor de adquirirmos mais conhecimentos.

À todos professores (as) da especialização, que intermediaram muitos conhecimentos e práticas pedagógicas, aos cursistas.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho cujo título “A Literatura de Cordel como recurso didático no Ensino de Geografia” aborda de forma tangível a proposta de utilizar como recurso didático nas aulas de Geografia, a literatura de cordel. Torna-se relevante, pois, favorece a valorização da cultura, a qual os cordéis, desenvolvem um grande manifesto da cultura popular nordestina. Tendo como objetivo principal utilizar a literatura de cordel no ensino de Geografia, como um recurso didático para reconhecer a cultura nordestina, dinamizar as aulas, fugindo do tradicionalismo para desenvolver a aptidão da leitura e criticidade. Sabendo-se que a literatura de cordel é de grande importância educacional, estabelecendo a ligação entre os saberes da Geografia acadêmica, escolar e informacional. Na educação escolar os cordéis são pouco utilizáveis, por isso, propomos o resgate cultural e informacional deste recurso, nas aulas de Geografia. Buscamos através da pesquisa bibliográfica, a partir das teorias de Santos (1988), Cavalcanti (2006), Oliveira (1998), Pontuska (2009), Filizola (2009) entre outros, identificar os problemas da Geografia ensinada de forma tradicional e evidenciar a importância dos (as) docentes de procurar estratégias e recursos didáticos que favoreçam a aprendizagem, a correlação dos conteúdos com as experiências vivenciadas pelos discentes e aulas dinâmicas, utilizando os cordéis. Que este trabalho proporcione aos docentes da Geografia, estratégias eficazes do ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Literatura de cordel. Recurso didático.

## ABSTRACT

This work entitled "The Cordel Literature as a didactic resource in Geography Teaching" addresses in a tangible way the proposed use as a didactic resource in Geography lessons, the cordel literature. It is relevant because it fosters the valorization of culture, which the cords, develop a great manifesto of popular Northeastern culture. Its main goal is to use the string literature in the teaching of geography as a didactical resource to recognize the northeastern culture, boost classes, running away from traditionalism to develop the ability to read and criticality. Knowing that the cordel literature is of great significance educational, establishing the link between the knowledge of academic Geography, academic and informational. In school education the strings are less useful, so we propose the cultural and informational ransom in this resource in Geography lessons. We seek through the bibliographic research, from the theories of de Santos (1988), Cavalcanti (2006), Oliveira (1998), Pontuska (2009), Filizola (2009) and others identify problems of geography taught in a traditional way and highlight the importance of (the) teacher to look for strategies and didactic resources that encourage learning, the correlation of content with the experiences of the students and dynamic classes, using the strings. This work provides to teachers of Geography, effective strategies of teaching and learning.

**Keywords:** Geography Teaching. Cordel literature. Didactic resource.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA SALA DE AULA.....</b>	<b>12</b>
2.1 - A importância do saber geográfico.....	12
2.2 - A ciência geográfica e sua forma de ensino nas salas de aula.....	14
2.3 - A defasagem do ensino da Geografia Tradicional.....	17
<b>3. OS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA GEOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
3.1 - Os recursos didáticos mais utilizados: o lápis, a lousa e o liv.....	22
3.2 - As novas práticas de recursos didáticos como meio de ensino/aprendizagem.....	24
<b>4. A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO.....</b>	<b>28</b>
4.1 - Conhecendo o cordel.....	28
4.2 - Proposta de utilização da literatura de cordel na sala de aula.....	30
4.3 - O cordel no ensino da Geografia como meio de resgate da cultura nordestina.....	35
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia como ciência da sociedade e sua relação com o meio natural, do qual a sociedade exerce suas modificações e sua influência, mediante o tempo e o espaço, são indispensáveis para o cotidiano, currículo e metodologia escolar. Entender a Geografia é fazer a leitura do mundo a partir de cada realidade, seja local ou global. Mas, para que esta leitura seja feita de forma eficaz e com criticidade, é necessário priorizar a Geografia como produto das relações sociais, que consiste o espaço geográfico.

Os processos de transformações acentuados da sociedade, como a industrialização, a tecnologia, a globalização, tornam a Geografia uma ciência capaz de explicar estes fenômenos oriundos de cada sociedade. Assim, o ensino de Geografia deve acompanhar o ritmo das transformações, levando para escola a modernização e atualização dos processos educativos, para efetivar o ensino na abordagem contemporânea.

De acordo com esta evolução no ponto de vista social, o professor(a) deve acompanhar este ritmo evolutivo, através do aperfeiçoamento em sua profissão, buscando melhorias para o ensino, das quais objetivem a melhoria na aprendizagem e na dinamização das aulas, como contribui Filizola (2009). Recorrer aos recursos disponíveis, planejá-los de forma coerente ao conteúdo e utilizar de metodologias voltadas para realidade local e dos discentes, são contribuições enriquecedoras para um bom ensino.

A literatura de cordel deve ser adaptada às aulas de Geografia, como um recurso didático, que prioriza a valorização da cultura popular, seus costumes e a riqueza da manifestação popular nordestina. Esta literatura é um recurso interdisciplinar, que abrange as diversas áreas do conhecimento escolar, por dispor de uma linguagem simples, textos rimados, críticos e que revelam o cotidiano.

Nesta perspectiva, o estudo tem como tema principal o cordel como recurso didático, no qual prioriza a melhoria da metodologia do ensino de Geografia. Objetiva-se utilizar a literatura de cordel no ensino de Geografia, como um recurso didático para reconhecer a cultura nordestina, dinamizar as aulas, fugindo do tradicionalismo e desenvolver a aptidão da leitura e criticidade. O estudo foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica conceitual, a respeito do tema, priorizando o materialismo histórico-dialético, através de

grandes autores que estudam os processos educacionais e também autores que destacam a importância dos estudos da cultura na Geografia.

O objeto de estudo desta pesquisa, a literatura de cordel, foi escolhida por haver uma grande deficiência da leitura e de seu reconhecimento como cultura popular indispensável aos discentes. Destacando também sua importância secular de informação para a sociedade, em cada tempo geográfico distinto. Sendo uma forma de conciliar a leitura essencial a qualquer pessoa, a valorização da cultura nordestina, a dinamização das aulas de Geografia, o acréscimo de um recurso didático de linguagem simples e acessível e uma contribuição no processo eficaz de ensino/aprendizagem.

Esta pesquisa é dividida em três partes, sendo a primeira, a análise sobre os recursos didáticos nas aulas de Geografia, tendo como relevância primordial para uma boa aula, a segunda, discuti a importância da literatura de cordel como herança cultural e por fim, serão propostas possibilidades de trabalhar o cordel na sala de aula.

O Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria Estadual de Educação da Paraíba proporcionou o aprimoramento dos cursistas com relação às práticas de ensino em sala de aula. Ensinando como valorizar os nossos alunos e alunas, através das seguintes práticas: utilização de métodos inovadores, recursos didáticos que proporcionem a interdisciplinaridade para atrairmos nossos alunos e alunas e estarmos sempre atualizados com relação aos meios tecnológicos. Entre as disciplinas cursadas e orientadas por professores e professoras qualificados, que resgataram e incentivaram o gosto pela educação, surgiu a ideia e a necessidade de pesquisar sobre uma temática que valoriza nossa cultura nordestina e relaciona os conteúdos programáticos a realidade local dos alunos e das alunas com a literatura de cordel.

## 2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA SALA DE AULA

A Geografia é uma ciência muito questionada a respeito de seu propósito como disciplina. Para que estudar Geografia? O que é Geografia? Como é ensinada a Geografia nas escolas? Quais as dificuldades que permeiam esta ciência? Por que muitos alunos e alunas desprezam esta ciência? São alguns questionamentos que ocorrem frequentemente entre pesquisadores(as) e estudantes, sobre a ciência geográfica e sua importância. Por isso, se faz necessário à compreensão desses dilemas.

### 2.1 A importância do saber geográfico

A ciência geográfica estuda a interação entre a sociedade e as relações entre o espaço geográfico. O espaço geográfico é o espaço da construção e organização da sociedade, que configura seu arranjo espacial, a partir de suas necessidades e de sua influência cultural, de tempos históricos distintos. Para a Geografia, o objeto de estudo é o espaço geográfico, o espaço vivido e suas interações com o meio natural. Esta relação entre o social, o espaço geográfico e a natureza, fazem da Geografia, uma ciência do cotidiano, da atualidade e do materialismo histórico dialético. O autor Milton Santos (1978) define:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Podemos entender os fenômenos sociais a partir das manifestações concretas feitas por cada sociedade, em vários tempos históricos, que perduram entre gerações e gerações. São as chamadas “cristalizações” do espaço geográfico, ou seja, os registros deixados por cada sociedade, que perpetuam a história dos diferentes povos, Santos (1978). Conforme a sociedade se moderniza, através dos meios tecnológicos e do processo de globalização, ela dispõe de recursos sofisticados, a fim de proporcionar o progresso e melhorias da sociedade.

Deve-se entender que a Geografia é dicotomizada a partir de duas vertentes: a Geografia acadêmica e a Geografia escolar. Ambas discutem a importância do objeto geográfico, mas, aplicadas diferenciadamente, a primeira com caráter pesquisador e a segunda com caráter de praticidade e informações, que por muito tempo ficou rotulada como a Geografia “decorativa”. Essa separação da Geografia empobrece o ensino escolar, pois, os livros didáticos referenciam apenas os dados pesquisados, distanciando a disciplina da realidade dos alunos(as).

É importante que o professor(a) de Geografia, seja consciente do papel geográfico, para ensinar os alunos(as) os indispensáveis conceitos da disciplina como: lugar, paisagem, espaço, território e região, que servirão de subsídio para a leitura do mundo dos alunos(as), a partir de um olhar crítico e totalmente inserido na sociedade contemporânea. Esta construção de ensino deve ocorrer nas séries iniciais, período primordial para a percepção do espaço geográfico e identificação com a disciplina. Callai (2003) explica:

O estudo de geografia insere-se neste âmbito, na perspectiva de dar conta de como fazer a leitura do mundo, incorporando o estudo do território como fundamental para que se possa entender as relações que ocorrem entre os homens, estruturadas em um determinado tempo e espaço. O período das séries iniciais é o de construir os conceitos básicos da área, e que são básicos para a vida (CALLAI, 2003, p. 77).

É esta Geografia que deve estar inserida nas escolas e salas de aulas. Essa Geografia que ensina o cotidiano e suas relações com o espaço, para identificar as manifestações sociais de cada grupo social. É necessário conscientizar os alunos(as) da importância de estudar a ciência geográfica, a fim de se tornarem cidadãos conscientes, críticos, atualizados e questionadores, como corrobora Morin (2005):

Ensinar a condição humana. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Como vimos, todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”. Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo. (MORIN, 2005, p. 47)

A Geografia escolar tem contribuído para o reconhecimento do cotidiano dos alunos(as), priorizando a realidade vivida pelos mesmos, apesar do distanciamento de alguns professores(as), sobre entender a importância da Geografia para despertar em seus alunos(as) a criticidade. O professor(a) junto com seus alunos e alunas deve todo o momento questionar a

própria finalidade de estudar os fenômenos geográficos, a quem se destina os estudos, em que realidade os alunos(as) estão inseridos, para que haja a difusão entre a teoria e prática, assim como menciona Cavalcanti (2006):

O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia-a-dia? Como aprendem Geografia na escola? Que significados têm para os alunos aprender Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (CAVALCANTI 2006, p. 66).

Diante do que foi exposto, a Geografia é uma disciplina que estuda o espaço geográfico a partir dos fenômenos sociais ao longo do tempo. Estudar a atualidade e seus conflitos, mediante a ótica dos conceitos chaves desta disciplina, estimula os alunos(as) a compreender sua própria identidade e a realidade em que estão situados. Por isso, é necessário que o professor(a) contribua para o aprimoramento dos conhecimentos dos alunos(as), sobre os questionamentos da disciplina, diante de um olhar aguçado e investigador. Assim, o professor(a) contribui para a desmistificação que a Geografia é uma ciência que ensina a decorar os conteúdos.

## **2.2 A ciência geográfica e sua forma de ensino nas salas de aula**

O ensino da Geografia no Brasil tem suas raízes no alicerce das estruturas de poder incrustadas no país. Primeiro, o saber geográfico serviu como fundação do conhecimento histórico da pátria, ou seja, a Geografia era considerada disciplina auxiliar da história. Em um segundo momento, no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), a Geografia física nas escolas foi supervalorizada como forma de conduzir um raciocínio estratégico e topográfico, sendo direcionada ao estudo descritivo do espaço, explica Oliveira (2001).

Com o fenômeno do enciclopedismo das disciplinas, o ensino da Geografia manteve sua característica de valorar o conhecimento de uma ciência legítima e apolítica,

tendo como finalidade principal o repasse quantitativo de informações, e não uma formação de conhecimento profundo e crítico de professores(as) e alunos(as), refletindo em uma disciplina meramente abstrata e distante da realidade dos discentes.

Explica Brabant(2008)“o enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo em que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificam a geografia entre as matérias a memorizar”.Essa herança no ensino da Geografia reflete a atual forma de ensino que se tem nas escolas de todo o país. O objeto e amplitude de conhecimentos que podem ser passados para os alunos(as) não fazem parte da realidade atual do saber geográfico, portanto, a disciplina ainda se apresenta estagnada no tempo, explorando seus elementos físicos e quantitativos. Sobre o assunto Jean-Michel Brabant(2008),em seu artigo Crise da Geografia, Crise da Escola, opina:

Na verdade, a geografia, pretendo falar do mundo atual, frequentemente descreve um outro, essencialmente agrário e já ultrapassado. A geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar o mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração. (BRABANT, 2008,p. 15)

Sabe-se também que nas séries iniciais muitos professores(as) não foram alfabetizados e/ou formados em Geografia, o que dificulta a transmissão de noções básicas de localização, disposição e compreensão da estrutura do espaço. Sobre a importância da “alfabetização espacial” com maestria, Antonio Carlos Castrogiovanni (2000) faz as suas inferências:

Por “alfabetização espacial” deve ser entendida a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedades. A representação dos segmentos espaciais é fundamental no processo de descentralização do aluno facilitando a leitura do todo espacial. Dessa forma, o ensino da Geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 14).

Desse modo, identificamos também uma deficiência inicial no primeiro contato com a disciplina. É necessidade basilar que o aluno(a) inicie o contato com a matéria de maneira correta, entendendo o espaço como sendo “tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 15). Essa

relação nas séries iniciais deve proporcionar ao aluno(a) o conhecimento sobre a compreensão de que a Geografia aborda temas como: a formação dos grupos sociais, a diversidade social/cultural e a apropriação da natureza pelos seres humanos.

Outro importante ponto a ser observado na Geografia cotidiana das salas de aulas do nosso Brasil, é a limitação de seu ensino a chamada “indústria do livro didático”. Assim, constata-se que o livro didático se tornou o elemento primordial e muitas vezes único, como fonte de saber geográfico. No entanto, a grande realidade é que a maioria dos livros apresentam erros grosseiros, bem como “engessam” o conteúdo de maneira a tornar a Geografia distante das transformações que a própria ciência geográfica tem vivido, como evidencia, Oliveira (1998).

Seguindo a estruturação dos livros didáticos, a Geografia é repassada para os alunos(as) de maneira fragmentada, como se cada fato ou fenômeno ocorresse de maneira dissociada com o todo. É essa a crítica apresentada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira em seu artigo Educação e Ensino de Geografia na Realidade Brasileira, vejamos:

É esta geografia ensinada que foi se compartimentando cada vez mais, a ponto de não estabelecer relações mínimas sequer entre os elementos da natureza: o estudo da geologia quase nada tinha a ver com o da geomorfologia, destas com o da hidrografia, destas com o do clima e de todos com o do solo e da vida vegetal e animal. Muitas vezes, em nome da necessidade didática de melhor explicar os fatos e fenômenos, foi-se perdendo a visão do todo. O mesmo ocorreu com a parte humana e econômica que, colocada sempre nos últimos capítulos dos livros didáticos, raramente conseguiu ser ministrada aos alunos. (OLIVEIRA, 1998, p. 138)

Portanto, a Geografia ensinada nas escolas atualmente pauta-se na sua maior parte por uma estrutura do saber neutra, distante da realidade e do meio a qual fazem parte professor(a) e aluno(a), levando a um desinteresse e distanciamento da disciplina. Observa-se que a maioria dos professores(as) propaga a Geografia da memorização, em que o essencial é memorizar conceitos, países, rios, entre outros, causando a informação momentânea do conteúdo e rejeição da disciplina pelos alunos(as). Assim, é visível que a forma de ensinar a Geografia está ultrapassada e distante da produção do pensamento crítico, que deve ocorrer para a formação de cidadãos conscientes e integrados à sua realidade social/local.

### **2.3 A defasagem do ensino da Geografia tradicional e a necessidade da inserção de um novo saber geográfico nas escolas**

Após breves ilações sobre a maneira atual de ensinar a Geografia nas escolas, podemos extrair que sua concepção tradicional e arcaica em boa parte estimulada e repassada por professores(as), distancia os discentes do querer conhecer e aprender a disciplina. Pois, utilizam de práticas enfadonhas e desestimuladoras.

Na verdade não apenas os alunos(as)são vítimas dessa forma de repassar o conteúdo, mas os próprios professores(as). Pois a grande maioria não obtiveram a formação necessária para adquirir criticidade suficiente com relação ao próprio livro didático que utiliza. A outra parte sofrem a defasagem do tempo, a muitos não são dadas as oportunidades de reformulação e capacitação necessárias para o acompanhamento na evolução dos conteúdos. Neste pensamento, Umbelino de Oliveira (1998) explica:

Alunos e professores tem sido uma espécie de vítimas desse processo. A geografia que se ensina e que se aprende não os motiva mais e, seguramente, está muito longe de suas reais necessidades. A geografia foi perdendo aquilo que de especial ela sempre teve – discutir a realidade presente dos povos, particularmente no que se refere a seu contexto espacial. (OLIVEIRA, 1998, p. 138).

Ensinar Geografia na atualidade não é apenas transmitir conceitos, é ensinar a ler o espaço e suas relações, instruir a duvidar, a interrogar, a pesquisar, relacionar os conceitos chaves da ciência com a realidade vivenciada pelos discentes assim, formar para a vida cidadã, interpretando as relações cotidianas.

Para a existência de uma aula de Geografia com qualidade não existe uma ligação direta com os melhores e mais avançados recursos didáticos da atualidade, até porque se esses não forem bem utilizados, podem até desviar o objeto central da aula o que se exige para obter bons resultados e a qualidade no ensino é que a aula ministrada preceda de um bom planejamento.

Planejar é evidenciar as habilidades e competências dos alunos(as) para que ocorra a aprendizagem, pois uma aula sem planejamento é uma aula de improviso e desorganização. Bem explica Celso Antunes (2010):

É impossível improvisar uma boa aula e, ao entrar em sala, todo professor precisa estar ciente do tema geográfico que vai apresentar e por que vai apresentá-lo. Qualquer tema é sempre parte de um todo que necessita sempre se ligar ao que foi mostrado antes e aos assuntos que virão depois. Um erro de grave consequência que alguns professores cometem é justamente não possuir essa visão abrangente de toda a Geografia e não mostrá-la como extrema clareza a seus alunos. (ANTUNES, 2010, p. 127).

Nas aulas de Geografia o cotidiano dos alunos(as) deve sempre ser o foco do professor(a), este deve fazer relações do cotidiano de seus alunos(as), com o conteúdo estabelecido no livro. Assim o conhecimento não fica cristalizado apenas no livro didático, que em muitos casos foge da realidade local dos alunos(as), ocasionando a dificuldade de aprender e gerando um desconhecimento do espaço vivido dos alunos(as). “Levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado, o que pode vir junto com outras ações, [...]” (CAVALCANTI, 2008, p.148).

Desta forma, o professor(a) deve reconhecer seus alunos(as) como seres protagonistas do conhecimento. Ele/ela tem o dever de planejar suas aulas relacionando os conteúdos geográficos através de uma sequência lógica, de forma que prevaleçam as competências e habilidades dos alunos(as), perfazendo com que todos os conteúdos ministrados na sala de aula evidenciem o espaço ou mundo vivido dos alunos(as).

É dentro dessa linha de intermediações dos conteúdos, interligada com a vida cotidiana do discente, que a Geografia passará a ser bem compreendida e valorizada pelos alunos(as). Portanto, é claro que se trata da tarefa do professor(a) estar atualizado com os novos métodos de ensino e a nova forma de ensinar a disciplina, pois é seu(nosso) dever fazer as escolhas precisas para intermediar o conhecimento sobre o espaço e sobre a importância do aluno(a) como ser social dentro desse espaço. Vejamos o discurso de Pontuschka (2009):

O objetivo dos professores compromissados com o ensino é fazer escolhas ou opções que elevem os alunos a patamares superiores do ponto de vista da abstração e da consciência sobre a importância do conhecimento do espaço

geográfico para sua vida como ser humano e como cidadão participante deste mundo complexo. (PONTUSCHKA, et al. 2009, p.76 e 77).

Nesse contexto é importante compreender a Geografia como ciência que estuda os fenômenos sociais que ocorrem no espaço e a maneira de relacionamento da sociedade com o meio natural. Estudar as sociedades é abranger suas influências naquele determinado local. Cada sociedade compõe sua história distinguindo umas das outras, podendo ser analisada através dos registros ou marcas, construídos por uma sociedade em um determinado período.

Assim, estudar o lugar, suas formas, costumes, política, economia, realidade social, entre outros, é reconhecer a importância de uma pequena porção do espaço, que influencia e é influenciada por outros lugares. Por isso, Santos (1988) destaca a transformação permanente da história social:

A história é sem-fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é também um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação. O processo é o permanente devir. Somente se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado, uma situação permanente. (SANTOS, 1988, p.95)

É no lugar que as manifestações sociais ocorrem exprimindo a cultura no espaço vivido. Os costumes, as vestes, os alimentos, a política, a economia, a linguagem, são fatores que distinguem os grupos sociais dos demais, expandindo para outras pessoas, gerando a permanência da cultura naquele lugar.

A Geografia Cultural trata-se de uma subdivisão da ciência geográfica que estuda grupos sociais em tempos distintos através das cristalizações construídas no espaço. Ela serve também para reconhecer áreas ainda distintas dos outros grupos e fornece subsídios essenciais para classificá-las. Para elucidar o assunto temos os ensinamentos de Corrêa e Rosendahl (2011):

A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de

numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2011, p.28)

Nesse sentido, o professor(a) de Geografia apresenta papel relevante, devendo ser o disseminador(a) das indagações e das investigações sobre a cultura local em que seus alunos(as) estão inseridos, para ocorrer a percepção e a significação do espaço vivido.

Conhecer o espaço vivido é propagar a própria Geografia. Envolve a percepção que a ciência geográfica não é apenas o conteúdo que está no livro didático, nem tão pouco a memorização de países e elementos geomorfológicos. A Geografia abarca o concreto, o visível, a percepção, as significações e simbolismos da sociedade local e das demais através da cultura. Na sala de aula o aluno(a) deve ser o protagonista de seu conhecimento e fora dela será o espaço em que seus conhecimentos serão postos em prática.

Portanto, não há sentido algum se o conhecimento discutido dentro da escola não fizer parte do mundo concreto em que os alunos(as) se inserem. É necessário que o educador(a) busque inovar na sala e consiga trazer seus alunos(as) para o objetivo do ensino-aprendizagem. Complementando esse raciocínio, esclarece Rego (2007):

Ensinar nos remete à construção de conhecimento. Sabe-se que o ensino só vai ter sentido quando for construído, e isso vai acontecer quando houver comprometimento por parte do educador, que precisa problematizar, questionar, provocar, confrontar, e do educando, que precisa desejar construir o que “eu”, como educador, desejo. E para o aluno desejar, é necessário que as coisas que falamos e que trabalhamos em sala tenham sentido e significado para ele. (REGO, et. al. 2007, p.89)

A partir deste comprometimento dos educadores(as) com a significação dos conteúdos para que estes tenham um valor real aos educandos(as), é primordial a busca de novas alternativas de ensino, através dos recursos didáticos culturais, diferenciados que proporcionem aos alunos(as) o reconhecimento de sua própria realidade.

A Geografia é influenciada pela cultura quando interpretamos a paisagem de vários lugares para compreendermos a dimensão da totalidade, ou seja, para entender os processos e/ou fenômenos que ocorrem no espaço, é necessário partir de uma particularidade, para reconhecer suas dinâmicas e posteriormente confrontar com os processos mais amplos. A

cultura deve ser foco substancial do professor(a) em sala de aula, através de diversos recursos, entre eles a Literatura Popular.

É notória a importância da Geografia no âmbito escolar como também a sua influência na realidade dos nossos discentes. Por isso, é evidente a necessidade de transformar e educar os nossos alunos(as) a partir da Geografia que prioriza a cultura. Devemos desviar-se da Geografia tradicionalista, que não valoriza os seres protagonistas do conhecimento. Busquemos a Geografia que realiza a transação entre a teoria e a prática em sala, através dos conteúdos ajustáveis a realidade vivenciada dos nossos educandos(as). Por tanto, devemos utilizar métodos, metodologias e recursos didáticos que favoreçam a realidade local através da cultura. É neste contexto que permeia as discussões no decorrer deste trabalho.

### **3. OS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA GEOGRAFIA**

Atualmente o espaço escolar aparece cada vez menos privilegiado como instrumento de obtenção de conhecimentos. Para os discentes, a escola se apresenta de maneira distorcida, já que a mesma não satisfaz as curiosidades surgidas no ambiente extraescolar. Nesse contexto, em que as inovações tecnológicas e o uso da internet proporciona um bombardeio de informações de maneira rápida e oscilante, o professor e a professora encontram-se a cada dia mais incapacitado para satisfazer as reais curiosidades dos seus alunos e alunas.

Verifica-se portanto, a imprescindível utilização de recursos didáticos que proporcione a fixação dos educandos e educandas no conteúdo didático transmitido. Para isso, a aula deve fornecer uma via dinâmica e participativa no intuito de despertar o interesse dos aprendizes ao assunto explanado, como também ajudá-los a desvendar as suas curiosidades.

Diante dos desafios expostos, o docente torna-se o principal responsável, dentro do espaço escolar na intermediação do conhecimento de modo que desperte o interesse e a vontade de aprender dos alunos e alunas. É a partir dessa necessidade de interação professor-

aluno-escola que os recursos didáticos surgem como vetores de aproximação do aluno e da aluna à aula e de sua realidade ao discurso dentro da sala de aula.

A inserção da música, televisão, literatura, vídeos, paródias, documentários, revistas e charges devem ser vetores de reflexão e a maneira encontrada pelo professor(a) para despertar o interesse dos educandos(as) e para, retirar suas dúvidas corriqueiras. É na busca de uma aula mais dinâmica e menos monótona que o professor(a) se insere no contexto escolar como uma ponte no processo de aprendizagem do saber.

Nesse viés é necessária uma breve explanação e comparação dos recursos didáticos chamados de tradicionais e de modernos, o que passamos a fazer nos seguintes tópicos.

### **3.1 Os recursos didáticos mais utilizados: o lápis, a lousa e o livro**

Como suscitado, para o desenvolvimento das aulas são indispensáveis recursos que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem os chamados, recursos didáticos ou recursos de ensino. São materiais didáticos, meios auxiliares no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, que possuem caráter instrumental, podendo ser partes: os livros, os mapas, os objetos físicos, as fotografias, as gravuras, os filmes, entre outros.

São esses recursos/instrumentos que servem para os profissionais realizarem seus trabalhos na interpretação e construção do conhecimento. Deve ser ressaltada que a simples presença do recurso didático em sala de aula não assegurará qualidade e muito menos, dinamismo à prática docente. Porém, a sua existência poderá fornecer ao docente subsídios, estratégias e possibilidades, para que os alunos ampliem sua leitura de mundo e sua ação crítica com base nas informações que o recurso venha a oferecer.

Nesse sentido passamos a lembrar do antigo quadro-negro e o giz, que atualmente foram substituídos pela lousa e o pincel. É perceptível a importância desses elementos didáticos chegando ao ponto de ser estranho dissociar uma sala de aula das suas presenças como corrobora Carlos Eduardo Vieira e Medson Gomes de Sá (2007), vejamos:

Dentre os recursos didáticos, podemos dizer que o quadro-negro é o que está mais inserido na sala de aula; mas é preciso que o professor saiba utilizá-lo com técnica. Uma sala sem lousa parece perder seu caráter pedagógico, a ponto de um quadro-negro num pátio ou em um parque pode suscitar a pergunta: “A aula vai ser aqui?” (VIEIRA; SÁ, 2007, p.108).

Portanto a grande importância e simbologia que apresentam esses instrumentos não garante que o aluno e a aluna terá uma aula de qualidade, bem como que existirá uma boa compreensão do conteúdo. Não há possibilidades de uma verdadeira interação e construção do conhecimento numa aula inteiramente expositiva, que não apresente qualquer dinamismo e que não coloque os discentes no centro da construção do conhecimento. Nesse sentido, destaca-se:

Seja qual for o recurso, a aula será produtiva se o aluno for sujeito da construção do próprio conhecimento. É importante que o professor passe de mero expositor de conteúdo para a função de orientador e facilitador das investigações e provedor das fontes. (VIEIRA; SÁ, 2007, p.109).

Outro instrumento bastante utilizado é o livro didático. Ainda hoje, ele adquire uma importância fundamental no processo de ensino/aprendizagem dentro da sala de aula. Nesse espaço de uso do livro didático, o professor (a) deve buscar compreender a conexão entre teoria e realidade dos discentes, bem como proporcionar a reflexão por parte dos alunos e das alunas sobre a produção do conhecimento, em especial do conhecimento geográfico, fazendo atuar conceitos científicos abordados nos livros didáticos, com a finalidade de visualização e importância dos mesmos.

Segundo Claudino Pilleti (2006) quando existe a correta adequação dos recursos de ensino eles colaboram na motivação e desperta o interesse dos alunos; favorecem o desenvolvimento da capacidade de observação; aproximam o aluno e a aluna da realidade; visualizam ou concretizam os conteúdos da aprendizagem; oferecem informações e dados; permitem a fixação da aprendizagem; ilustram noções mais abstratas; desenvolvem a experimentação concreta.

Os recursos didáticos são bastante essenciais e servem como meios para auxiliar a prática docente, facilitando a aprendizagem. São utilizados com maior ou menor frequência em todas as disciplinas, as áreas de estudos ou atividades, sejam quais forem às técnicas ou

métodos empregados, com a finalidade de auxiliar o aluno (a) a realizar sua aprendizagem mais eficiente, construindo um meio para facilitar, incentivar ou possibilitar o processo de ensino e aprendizagem.

No estudo da Geografia é muito importante que os recursos didáticos consigam motivar o interesse dos alunos (as) e principalmente aproximem os mesmos da realidade vivenciada, possibilitando que esses alunose alunas consigam extrair da sala de aula o aprendizado básico, que os tornem leitores do espaço geográfico. Para a obtenção desses resultados, o cotidiano escolar vem mostrando que os meios tradicionais de recursos didáticos (o pincel, a lousa e o livro) são insuficientes para promover o interesse e a aproximação dos(as) discentes.

Assim, a necessidade da implementação de novas práticas de recursos didáticos e a sua constante renovação são necessidades atuais para a existência de uma maior integração entre os alunos (as) e a sala de aula. Com isto, é dever dos docentes procurar meios, técnicas e recursos que acompanhem as tendências midiáticas da cultura e sociedade, para prevalecer o protagonismo dos(das) discentes.

### **3.2 As novas práticas de recursos didáticos como meio de ensino/aprendizagem**

Uma boa aula que alcance os objetivos principais da aprendizagem depende da preparação do professore/ou da professora diante do assunto exposto e de um bom planejamento da aula, onde a metodologia e o recurso utilizados sejam adequados a faixa etária e ao nível de aprendizagem dos alunos (as). É necessário reconhecer as dificuldades dos professores(as) em adequar as aulas aos recursos e metodologias corretas. Muitas vezes o que ocorre em sala de aula é a falta de preparação dos professores(as) para chamar a atenção dos alunose das alunas ao conteúdo. Segundo Freire (1996) ensinar exige a pesquisa constante do professore da professora, para que este eduque de forma correta, vejamos:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e

me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29)

É dentro dessa constante pesquisa do professor (a) que surge a necessidade do mesmo(a) de implantar novas práticas de recursos didáticos dentro da sala de aula como forma de despertar o interesse dos educandos, e assim aproximá-los às aulas.

No ensino da Geografia os recursos didáticos servem para que o docente reflita sobre o real significado do ensino da disciplina na atualidade e sobre os métodos empregados por ele/ela em sala de aula. Essa cautela tem como consequência a possibilidade de superação da visão tradicionalista do ensino, pautada no simples repasse de conhecimentos.

Há várias formas de facilitar o aprendizado dos discentes, o professor/ou a professora deve utilizar e diversificar suas aulas por meio dos diferentes tipos de linguagem, como a utilização de: filmes, canções, poemas, documentos escritos, documentários, visita a museus, produções literárias, revistas, jornais, teatro e aulas de campo. As diversidades dos recursos e das metodologias são de enorme valia para a prática docente e possibilitam a construção do conhecimento eficaz, visando o pleno desenvolvimento do educando. Na utilização dos recursos o aluno (a) é incentivado a agir e não apenas a ser mero receptor na sala de aula, proporcionando assim uma verdadeira aprendizagem. Sobre o assunto, complementa Almir Pereira Bastos (2010):

É necessário criar estratégias para tornar agradável o processo de ensino-aprendizagem e colocar o aluno como condutor desse processo. Para isso, é preciso planejar, replanejar e estar sempre associando teoria e prática na busca da realização dos objetivos (BASTOS, 2010).

Através do Parâmetro Curricular Nacional (PCN'S, 1997) para a Geografia detectamos que ele aponta para as séries iniciais um montante de conteúdos que incluem a Cartografia, Geologia, Climatologia. Esta parte da ciência geográfica fica totalmente prejudicada em aula meramente expositiva, já que a pura abstração não consegue satisfazer o entendimento do conteúdo, sendo imprescindível a utilização dos recursos didáticos interativos.

Verificamos que os alunos (as) das séries iniciais apresentam dificuldades em aprender conteúdos que necessitem de um maior grau de visualização, sendo real a necessidade de fornecer um contato maior com a materialidade. Nesta fase, os professores(as) deveriam utilizar materiais que explorem a ludicidade pertinente a faixa etária, inserir o contato com maquetes, globo, mapas, jogos e literatura.

Mesmo conscientes da necessidade de explorar a ludicidade de nossos alunos(as), na rede pública de ensino diversos professores(as), ainda apresentam dificuldades de realizar este tipo de tarefa, tendo em vista a falta de material para a execução deste tipo de trabalho.

Portanto, com o desafio atual de buscar o aluno (a) para o centro da construção do saber tendo a Geografia a incumbência de mostrar o papel do indivíduo no meio ao qual ele/ela interage, proporcionando a criança a construção de um cidadão integrado ao seu tempo e seu espaço, é importante a utilização de instrumentos didáticos que forneçam o conhecimento regional, ao qual esse aluno/ou aluna faz parte. Assim, colaboram os PCN'S (1997):

O estudo da Geografia deve abordar principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico. Para tanto, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho (PCN'S, 1997, p. 127).

Desta maneira, vemos nos instrumentos regionais e em especial na literatura de cordel um recurso didático simples, de fácil manuseio, barato, acessível, atrativo que se apresenta como excelente fonte de conhecimento do espaço geográfico e cultural, ao qual os discentes e docentes interagem sobre as questões regionais da Geografia cultural.

## **4. A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO**

Utilizar a literatura em sala de aula favorece o despertar e a aptidão pelo gosto da leitura, além de proporcionar aos educandos(as) a visualização de um cenário fictício ou real, que eles/elas possam participar através da contextualização da leitura. Assim, a leitura intervém na construção da imaginação e do senso crítico dos(as) discentes. Por isso, a relevância de trabalhar a leitura em sala, principalmente através dos cordéis, uma literatura popular, cultural, objetiva, simples, rimada e interdisciplinar. A literatura de cordel deve ser explorada pelos educadores(as), como um recurso didático cultural, que estabeleça a relação entre a teoria/prática e conteúdos/realidade.

### **4.1 Conhecendo a Literatura de Cordel**

A Literatura de Cordel é uma poesia popular, que narra várias temáticas sobre política, religião, mitos, festividades, educação, atualidades, meio ambiente, entre outros, que tem a finalidade de transmitir a informação. Seus escritores chamados de cordelistas são pessoas em sua maioria simples mas, que dispõem de um cunho político-ideológico, admirável. Ser cordelista necessita de uma sensibilidade e de criatividade para transformar a informação em rimas.

A literatura popular difunde-se na Europa entre os séculos XI e XII, trazendo em seus escritos à informação cotidiana rica em detalhes, para contrapor com a linguagem culta da elite dominante. Com o advento e o desenvolvimento da tecnologia, seus escritos se difundiram para outras regiões, ganhando novos apreciadores desta literatura.

O Cordel é uma literatura que foi herdada dos europeus e só três séculos depois da chegada ao Brasil, os cordelistas nordestinos passaram a produzir seus próprios cordéis traduzindo a cultura local, rimada em sua maioria em sextilhas. Assim, como narra em seu folheto Medeiros Braga:

O cordel, definitivo,  
 Pôde um conceito ganhar:  
 “É POESIA NARRATIVA,  
 IMPRESSA E POPULAR”,  
 Por essa forma, podendo  
 O que se pensa, narrar.

Cordel são esses folhetos

Com estrofes uniformes  
 De seis, sete, ou dez versos  
 Com os temas mais disformes  
 Que podem ser muito curtos,  
 Médios, maiores, enormes.

De cordão veio o cordel  
 Esse nome consagrado,  
 Esse folheto de feira  
 De bom serviço prestado  
 Na formação, no informe,  
 Em tudo que é contado.

A Literatura de Cordel é de origem europeia, precisamente de Portugal, que chegou ao Brasil, junto com colonizadores(século XVI em diante). Esta época os folhetos eram chamados de “volantes” folhas soltas que narravam o cotidiano dos migrantes. Posteriormente foi introduzida a “xilogravura”, desenho que ilustra o assunto a ser tratado no Cordel, por volta de 1930. O nome Cordel se deu porque os folhetos eram vendidos nas feiras, expostos em cordas ou cordões, que ficou conhecido por cordéis.

Essa literatura foi desenvolvida no Nordeste do Brasil por condições favoráveis da própria estrutura social e devido à influência dos colonizadores portugueses. Destarte os folhetos eram e ainda permanecem com o objeto de propagar a informação das relações socioculturais do nordestino, configurando as ressignificações da vida cotidiana, como assevera Melo (1982):

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios, econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como

instrumento do pensamento coletivo, nas manifestações da memória popular. (MELO, 1982, p.12)

A Literatura de Cordel é o símbolo da cultura popular do Nordeste e expressa não só uma linguagem cômica e lendária, ela transmite educação, induz a leitura, aguça a pesquisa, e reflete uma herança cultural. O Cordel é uma arte que precisa ser mais valorizada e conhecida por todos. Sua linguagem simples e objetiva é rica em temas geográficos que podem ser utilizados nas aulas de Geografia como um recurso didático, que promove a cultura e o interesse da Geografia pelos alunosealunas.

#### 4.2 Propostas de como utilizar o cordel

A literatura de cordel pode ser usada de forma interdisciplinar, ou seja, ser trabalhada em várias disciplinas, em sala de aula para auxiliar o professore/ou a professora e diversificar as aulas tradicionais. Por ser uma literatura versátil, que abrange vários temas como, educação, política, cultura, mitologia, entre outros, o cordel pode ser explorado em sala por diversas atividades, que serão apresentadas: *a leitura coletiva e individual, o debate, o cordel falado, apresentação de trabalhos, aulas expositivas e explicativas, a produção dos cordéis*, entre outras.

- ***A leitura coletiva e individual:*** Pode-se trabalhar em qualquer disciplina o aprimoramento da leitura, seja ela, individual ou coletiva. Pois o(a) docente pode avaliar o nível de leitura oral de sua turma e analisar individualmente seus alunos(as). Uma boa leitura é indispensável em qualquer disciplina, auxiliando os alunos (as) no desenvolvimento da linguagem oral e aguçando o gosto pela leitura. A linguagem do cordel rimada e simples facilita a leitura e desperta o interesse pela disciplina.
- ***O debate:*** Promover o debate em sala de aula a partir de uma temática do cordel, é intermediar o senso crítico dos protagonistas da aprendizagem, é favorecer o diálogo a partir de várias opiniões, respeitando as opiniões contrárias, é preparar os alunos (as) para a vida em sociedade diante das divergências sobre cada assunto. No debate cada aluno(a) irá se posicionar a respeito do tema em questão, facilitando a avaliação dos(das) docentes.

- ***O cordel falado:*** Esta atividade serve para simular um jornal falado, com notícias sobre as temáticas dos cordéis. Os alunos (as) estudam o cordel e em sala apresentam os cordéis para toda sala, simulando a apresentação de um jornal televisionado. Assim, a aula se torna dinâmica e os(as) discentes aprendem o conteúdo de forma prática, interacional e lúdica. Pois, trabalhar com o cordel falado estimula a comunicação, o hábito da leitura, a dicção, a desenvoltura e a aprendizagem eficaz dos(as) discentes.
- ***Apresentação de trabalhos:*** Os(as) docentes podem conduzir a apresentação de trabalhos em sala, através da divisão de grupos e cada grupo trabalhar um cordel diferente. Todos voltados para a temática proposta pelo professor(a). Os trabalhos em grupos facilitam a convivência em grupo, estimulam os(as) discentes a pesquisarem novas fontes de informação e favorecem o desenvolvimento individual de cada indivíduo.
- ***Aulas expositivas e explicativas:*** Para trabalhar com os cordéis em sala, não é obrigatório que o professor (a) planeje aulas sempre diferenciadas, pode-se utilizar de metodologias tradicionais, como as aulas de exposição e explicação oral. Pois o importante é o recurso a ser trabalhado, neste caso, o cordel e como os mediadores do conhecimento se prepararam. Apenas com um cordel, o professor (a) pode conduzir uma aula excelente, que envolva a turma, através da realidade vivenciada por eles(as).
- ***Produção de cordéis:*** A partir da orientação do professor (a) explicando em aulas o que é o cordel, como surgiu, para que servem quais as temáticas existentes, quem são os cordelistas, a importância cultural, entre outras informações necessárias aos alunos(as) para a produção dos cordéis. É imprescindível que os(as) docentes permitam a liberdade de escolha da temática e das xilogravuras pelos alunos(as). Pois os professores (as) tem o papel de intermediar os conhecimentos dos(as) discentes, ambos tornando-se protagonistas do ensino-aprendizagem. Nestas produções os professores (as) deverão avaliar a criticidade, a coerência e a criatividade dos(as) discentes em suas produções. Sabendo-se que a literatura de cordel é interdisciplinar, as produções devem ser expostas para envolver os demais alunos(as), professores(as) e a comunidade em geral, escolar. Estas exposições podem ser feitas simulando a comercialização dos cordéis nas feiras das cidades, através das cordas, que servem para “suspender” os cordéis.

As propostas mencionadas acima, entre outras possibilidades, devem ser trabalhadas em sala com o planejamento do(a) docente e necessita de cordéis que correlacionem com a Geografia. Segue uma proposta de cordel a ser trabalhado em sala:

### **UM BRASIL NASCIDO NO NORDESTE**

Nerisvaldo Alves

O território brasileiro  
 Não me deixa confundido:  
 26 são os estados,  
 Para ser compreendido,  
 Um distrito federal  
 Meu país é bem legal,  
 Segue assim bem dividido.

Cinco grandes regiões,  
 Tem a nossa geografia,  
 Tem a Norte e a Nordeste,  
 Coisa linda, quem diria!  
 Centro-Oeste, Sudeste  
 E a Sul, mas a Nordeste  
 É o cantinho da alegria

Cada grande região,  
 Tem estado e município.  
 Cada qual com sua história,  
 Cada um com seu princípio,  
 Da nordeste eu vou falar,  
 Pois pretendo lhe encantar,  
 Feito verbo em particípio.

Dos 26 estados,  
 Nove deles no Nordeste,  
 A Bahia é o maior,  
 No turismo muito investe  
 De São Luiz a Salvador,  
 Meu Nordeste tem valor,  
 De alegria nos reveste.

Dos lençóis do Maranhão,  
 Praias lindas em Fortaleza,  
 Piauí, com sua história,  
 Nos encanta com a beleza,  
 E a Paraíba ainda ampara,  
 O cheiro da realeza.

Em Sergipe o oceano  
 O São Francisco acolheu,

Na Bahia o Pelourinho  
Castro Alves lá viveu,  
Alagoas tem o fumo,  
Pernambuco é o meu rumo  
E o Ceará também é meu.

Não podemos esquecer  
O Rio Grande do Norte  
Na extração de sal  
Para nós dá muita sorte.  
Muito mais posso falar  
Do Nordeste, o meu lugar,  
Pois é nele que sou forte.

Em várias localidades,  
Patrimônio cultural,  
Muitas delas trazem traços  
Do Nordeste original,  
Do popular ao barroco,  
Meu Nordeste traz um pouco  
Do Brasil Colonial.

Museus e antiguidades  
Para aos nossos instruir.  
Relatos da nossa história  
Pra com todos dividir.  
Do exposto à escravidão,  
Tendo em nossa região  
Não se deixa confundir.

Em Recife, Pernambuco,  
Os anos foram fiéis.  
Igrejas, museus e fortes,  
Cada qual com seus papéis.  
Da cultura registrada,  
Quatro séculos de estrada,  
Tem do centro ao convés.

Um povo sofrido e forte  
De batalha e de brasão,  
Vitorioso por natureza,  
Na conquista é campeão.  
Da vitória à convivência,  
Da revolta à convivência  
Meu Nordeste é meu torrão...

Tendo posses ou despídos,  
Pelo nosso interior,  
A nação dos nordestinos,  
Pra tudo dá seu valor.

Com farinha ou com jabá,  
Caranguejo ou aruá,  
É de todo acolhedor.

É palco de muita fé,  
De milagre e penitência,  
De romeiro e oração,  
De promessa e vivência.  
Terra de frei Damião,  
Romaria e procissão  
No ato da obediência.

Nordeste que tem meizinha,  
Cartomante e rezadeira,  
Medicina popular,  
Curandeiro e parteira,  
Nordeste que tudo corta,  
Rico ou pobre não importa!

Meu Nordeste é de primeira!  
Caro amigo nordestino,  
Não queira ser barreirista,  
Preserve nosso rincão,  
Nosso orgulho e conquista.  
Esta beleza natural,  
É o que tem de especial,  
E nosso povo está na lista.

Povo de sinceridade,  
Mais forte que mulungu.  
Um povo que é doce e meigo,  
Feito mel de uruçú.  
Neste afirmo meu talento.  
Tive reconhecimento  
No SESC Caruaru.

Viajei pelo Nordeste,  
De sertão a litoral.  
Conheci lugares lindos  
E a diversidade cultural,  
Vestimenta e alimento,  
Gente que com talento  
Faz o mundo especial.

Vim parar em Pernambuco,  
Mas a vida não emperra.  
Na capital do forró,  
Minha viagem aqui encerra.  
Caruaru é a cidade,  
Digo com sinceridade

## Que o nordeste é minha terra!

Este cordel de Nerisvaldo Alves tem uma riquíssima identidade cultural, contendo como tema as cinco regiões do Brasil, em específico a região Nordeste. Descrevendo a história, a cultura, as divisões territoriais, entre estados e municípios, as comidas típicas, o valor comercial, o turismo, a arte, a dança, a música, entre outros elementos da região Nordeste, tudo contido em um único cordel.

### **4.3 O cordel no ensino da Geografia como meio de resgate da cultura nordestina**

A região Nordeste é o palco das manifestações culturais da literatura de cordel. Pois foi nesta região que no período colonial, em específico Salvador na Bahia, que foram desenvolvidos os escritos em folhetos, contendo as informações do cotidiano social. Posteriormente o cordel foi difundido para as demais regiões do país, mas, é no Nordeste que ainda perdura esta literatura, apesar de poucos leitores(as) e comercialização.

Através do contexto social do Nordeste, nos séculos iniciais a colonização, os temas dos cordéis eram os heróis cangaceiros, os homens valentes chamados, vaqueiros, que domam os bois mais valentes da região, as mulheres fortes que destemiam a seca e cuidavam da prole, entre outros temas que elucidam o Nordeste “cabra macho”, valente e forte. Por muitos séculos este estereótipo de Nordeste seco e com homens valentes, ganhou o cenário literário e midiático. É no século XX, com outro contexto social, influenciados pelos meios informacionais da televisão e do rádio, que os cordelistas descrevem um novo panorama do Nordeste, através do imaginário e da ficção, com temas de aventura, amor e comédia.

É esta literatura que deve ganhar o ambiente escolar, devido a leitura simples, rápida e com temas que valoriza a cultura nordestina, através do cotidiano e do espaço vivido. Os professores(as) de Geografia devem buscar este recurso didático e literário que facilita sua prática em sala e favorece o ensino cultural da região Nordeste, pois como ressalta Freire (1982, p.30-31) “Enquanto educador progressista não posso reduzir minha prática docente ao

ensino de puras técnicas ou conteúdos, deixando intocado o exercício da compreensão crítica da realidade”.

Com o progresso das tecnologias de informação e comunicação, o cordel perde seu caráter de informação para a sociedade, pois, a grande maioria procura as informações nos meios tecnológicos como, o celular e o computador, ambos com o acesso a internet, garantindo a disseminação instantânea dos fatos em todo o mundo. Isto acarreta um grave problema social, a indisposição para a leitura, gerando indivíduos que não tem o hábito da leitura.

Os desafios enfrentados pelos(as) docentes em sala de aula são inúmeros, incluindo chamar a atenção dos nossos alunos (as) para as aulas, pois os mesmos estão inseridos e envolvidos na era digital, através das novas tecnologias, adaptados as informações midiáticas, de fácil acesso e as redes sociais que promovem a sociabilização entre as pessoas e ofertam a distração. É esse o desafio de atrair os alunos(as) para as aulas de Geografia, que contenham algo atrativo e criativo, como a literatura de cordel, utilizada como um recurso didático, que proporciona a aproximação entre os discentes, através dos relatos em forma de prosa sobre o cotidiano nordestino, ao qual estamos inseridos.

É a cultura nordestina que devemos como docentes resgatar e promover o aprendizado para nossos discentes, utilizando de práticas, metodologias e recursos que protagonizem a história e a cultura da sociedade brasileira. É nas aulas de Geografia que podemos discutir o espaço vivido, a região, o lugar, as paisagens, o território, a cultura, a política, as diversidades sociais, entre outros temas importantes para os nossos discentes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho buscamos corroborar com as práticas de ensino dos professores(as) de Geografia, através das propostas de como utilizar a literatura de cordel como um recurso didático eficaz no ensino cultural. Foi percebido que os alunos(as) não querem mais aulas tradicionais e enfadonhas, querem metodologias e recursos didáticos diferenciados, que proporcionem a experiência de relacionar os conteúdos escolares com as práticas do cotidiano, preenchendo de significações.

Sabemos que a Geografia tradicional, que o professor e a professora utilizam apenas o quadro, a lousa e o livro didático, está ultrapassada, pois a nova geração de discentes, a que frequentam as escolas atuais, anseiam por surpresas e inovações nas disciplinas. Tendo em vista que o espaço vivido da sociedade atual dissemina nesses jovens, a cultura midiática, tornando muitos, alienados e reféns da ditadura dos meios de comunicação. Como docentes devemos conquistar os(as) nossos discentes para o diálogo, o debate, a interação entre os grupos e principalmente concretizar a aprendizagem nas aulas.

Objetivou-se neste trabalho entender as dificuldades de ensinar Geografia, utilizando recursos didáticos tradicionais, com isto, propomos que os docentes passem a utilizar um recurso didático, cultural, interdisciplinar, alternativo, simples e eficaz, o cordel. Portanto, este recurso literário popular auxilia a prática docente, em alguns temas da Geografia, pois os (as) discentes conseguem visualizar os conteúdos do Nordeste e da localidade, onde estão inseridos, resgatam e valorizam a própria cultura, por causa do rico teor de manifestação cultural, que faz parte do patrimônio histórico cultural.

A intenção de trabalhar em sala de aula com os folhetos de cordéis é despertar nos nossos alunos e alunas, que a Geografia está contida não só nos livros didáticos, mas, no cotidiano popular de cada sociedade e tempo histórico. É esse despertar crítico que se propôs este trabalho, utilizando um recurso, simples e de fácil acesso a todos os(as) docentes.

Os autores(as) pesquisados e os cordéis propostos neste trabalho foram importantes para evidenciar que a literatura de cordel é um recurso promissor no processo ensino-aprendizagem e transformar os(as) discentes nos seres protagonistas do seu próprio conhecimento.

Trabalhar com recursos didáticos, é perceber a necessidade de buscar inovar e pesquisar sobre os conteúdos abordados no livro didático. Não é necessário escolher os recursos mais utilizados pelos docentes, devemos adequar os recursos de acordo com a temática e a faixa etária dos nossos alunos e alunas. Fazemos uma análise sobre as necessidades dos alunos (as), como assim transcorro nesta pesquisa, para adequar nossas metodologias e recursos para transformar essas necessidades em prioridades no ensino-aprendizagem. A literatura de cordel foi aplicada por uma necessidade de resgate cultural, falta de leitura pelos discentes e para adequar a localidade com os conteúdos da região Nordeste.

Este olhar diagnóstico para a necessidade dos meus alunos (as) surgiu mediante discussões da prática docente no curso de Especialização ao qual me orientou a seguir com esta pesquisa. A formação continuada para professores e professoras, é prioritária para o progresso profissional, estimulando os profissionais e auxiliando a percorrer por novos caminhos. Este novo recurso cultural e popular ao qual proponho aos docentes, é instigante, eficaz e principalmente integra a interdisciplinaridade dos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nerisvaldo. **Um Brasil nascido no Nordeste**. Cordel. Caruaru /PE, s/d.
- ANTUNES, Celso. **Geografia e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Coleção como bem ensinar.
- BASTOS, Almir Pereira. **Recursos didáticos e sua importância para as aulas de Geografia**. Revista Geografia. Editora: Escala, 2010. Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/37/artigo219221-1.asp>> Acesso em: 25 de outubro de 2014.
- BRABANT, Jean-Michel. **Crise da Geografia, Crise da escola**. In: OLIVEIRA, A. U.; et.al (orgs.) Para onde vai o ensino da geografia? São Paulo: Contexto, 2008.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, MEC, 1997.
- BRAGA, Medeiros. **Breve História do Cordel**. Cordel. Nazarezinho/PB, s/d.
- CALLAI, Helena Copettii. **O estudo do município ou a Geografia nas séries iniciais**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, CALLAI, Helena Copettii, KAERCHER, Nestor André (org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre. Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e Diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas-SP: Papyrus, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural – 5ª ed.** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base editorial, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. et al. **Para ensinar e aprender Geografia – 3ª ed.** – São Paulo: Cortez, 2009.
- MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais**. In: LOPES, Ribamar. (Org.). **Literatura de Cordel: antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10ª ed, São Paulo: Cortez Editora, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). **Para onde vai o ensino da Geografia.** Coleção Repensando o Ensino. São Paulo: Contexto, 1998.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral.**São Paulo: Ática,2006.

REGO, Nelson. (org.) et. al. **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.**Porto Alegre: Artmed, 2007, 152p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. **Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?**  
In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Orgs). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007. p.101-116